

A história da natureza na Ciência, na Literatura e nas Artes: uma leitura de *Sertões adentro*

The History of Nature in Science, in Literature and the Arts: Sertões Adentro Revisited

Janaina Zito Losada*

*Doutora em História; professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); pesquisadora Colaboradora do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB); Bolsista de Pós-doutorado do CNPq.

End. eletrônico: jjlosada@uol.com.br

Recebido em 11.07.2013

Aceito em 24.07.2013

RESENHA

Lorelai Kury (org.). *Sertões adentro: viagens nas caatingas, séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estudio, 2012. 344p. Ilustrações e mapas. ISBN 9788588742543.

A bela e elegante obra organizada por Lorelai Kury, “Sertões adentro: viagens nas caatingas, séculos XVI a XIX”, é um convite ao deleite com a história no Brasil. Essa história transcorre por meio das paisagens sertanejas e das ideias e sensações que estas causaram. As representações sobre os sertões na literatura e na Ciência, legadas por intelectuais, naturalistas; as representações presentes na formação cultural letrada de indivíduos que experimentaram o sertão brasileiro como forasteiros, estrangeiros e viajantes constituem os objetos sobre os quais versam os autores dessa coletânea. Uma história intelectual habita as páginas desse livro de arte, publicado pela editora Andrea Jakobsson, em 2012. A obra divulga pesquisas históricas nas quais os viajantes e literatos são o objeto principal; como um todo, toma os relatos de viajantes e os livros de literatura como exemplares da percepção sobre o sertão e como patrimônio de sua história.

O sertão é, na obra, mais que uma representação. É o recorte ambiental e geográfico sobre o qual os autores lançaram os seus olhares. Fruto de trajetórias distintas, com diferentes abordagens, o livro obra divide-se em seis capítulos. A organização dos capítulos merece destaque, pois, juntos, os capítulos formam um discurso essencial para o entendimento e um verdadeiro quadro sobre as terras que se constituíram cultural e espacialmente como sertões. Assim, temos o sertão-ambiente e o sertão-cultura entrelaçando-se simbioticamente em paisagens, mapas, desenhos, livros e fotografias que descortinam as terras chamadas de sertanejas.

Na *Apresentação*, José Carlos Barreto de Santana já aponta a complexidade e a difusão do que chama de “limites sertanejos”, recordando o sertão de Euclides da



Cunha e as trilhas rápidas dessa terra palmilhada pela Ciência, descrita nos entrecruzamentos representados no mapa do *Guia de caminhantes*, de Anastácio de Santana, produzido em 1817. Neste, os sertões que convidam à entrada na obra são os das Espinharas, de Caicó e de Pinhanços, da Capitania de Pernambuco; o sertão de Caratiu, da Capitania do Piauí; e o sertão de Inhamús, na Capitania do Ceará. Estes formam, juntamente com campos, serras, aldeias, vilas e rios, essa paisagem complexa da qual nos aproximamos; esse “domínio de natureza excepcional em um continente predominantemente úmido” (ABSABER, 2003, p. 83); esse semiárido espaço geográfico que promove uma experiência singular de estranhamento, de fronteira e de desejo do domínio civilizacional. Adentremo-nos nesse universo particular das terras do sertão que emergem na obra.

O primeiro capítulo, escrito por Erivaldo Fagundes Neves, “Sertão recôndito, polissêmico e controvertido”, buscou compreender o espaço/sertão em uma perspectiva que o autor chama de sociocultural. O imaginário sobre o sertão, construído por europeus que descreveram os avanços e retrocessos da civilização brasileira no século XIX e o processo de regionalização de poderes, representa, para Neves, o expansionismo pernambucano. As ideias e preocupações governamentais construíram diversos sentidos e deram diferentes significados aos termos “Nordeste”, “polígono das secas”, “semiárido”. Esse autor destaca que a ideia de sertão é carregada da polissêmica mescla de terra, de passado e de ruralidade, ocupando espaços intermediários também na produção do conhecimento. Dessa forma, a Geografia, a História, as Ciências Sociais, a Psicologia e, certamente, a Arte entrelaçam-se na definição de sertão.

Mediado por fotografias de Marcel Gautherot e por gravuras de Percy Lau sobre os tipos humanos brasileiros, Neves analisa a literatura e a historiografia sobre o sertão, a sertanidade e o sertanejo. Tanto com base na poesia realista e em sua preocupação social, ou na poesia romântica e em sua construção mítica, quanto em uma historiografia de fronteiras e riquezas, o autor aponta um sertão sócio-histórico, no qual o vazio, o indomado e o rebelde associam-se em padrões de sociabilidade e em características atividades produtivas, como a caça, o pastoreio e a mineração. A obra conta a história dos eventos que ocorreram nos sertões, desde os primeiros colonizadores e, depois destes, bandeirantes, mineradores, fazendeiros e mercenários, que entraram por áridos territórios, instalaram vilas, corredores de circulação, implantaram comércio. Para demonstrar esse percurso histórico, o livro apresenta mapas nos quais as ondulações dos terrenos e a sua topografia, as ocupações humanas, e as distâncias marcaram os olhares científicos.

No processo de ocupação e escrutínio das terras levado a cabo por viajantes naturalistas e outros conquistadores, o contato com a natureza deixou descrições escritas e pictóricas que permitiram à Heloisa Meireles Gesteira contar uma história da natureza do sertão do rio São Francisco. Intitulado “Animais e Plantas do Sertão do Rio São Francisco nas representações do Brasil”, esse segundo capítulo estuda as descrições de espécimes e espécies que retrataram os biomas Caatinga e Cerrado nas obras de Gabriel Soares de Souza, Frei Cristóvão de Lisboa, Georges Marcgraff, Willem Piso e Capistrano de Abreu. A região foi percorrida por naturalistas que

buscavam, nos elementos naturais, produtos para o comércio, os muitos tipos de exploração, ou a simples observação científica. Assim, tatus, onças, capivaras, preguiças, mutuns, veados, emas, jacus, ananases, mandiocas, sapucaias, caraguatás, ingás, iamacurús e jaborandis alimentam as suas narrativas. Os debates que envolveram os naturalistas Buffon e Lineu sobre a nomenclatura científica deixam ver uma parte da História da História natural e o seu desenvolvimento na Biologia contemporânea. As obras de Samuel Niedenthal, Frans Post, Albert Eckhout, e Frei Cristovão de Lisboa atravessam o capítulo. Na escrita dos relatos, o uso simultâneo de desenhos era prática desejável e função de ofício de muitos viajantes dos séculos XVI e XVII.

“A Ciência do século XVIII e seu conhecimento da caatinga” é o objeto do terceiro capítulo, escrito por Magnus Roberto de Mello Pereira. O autor reconstrói as relações de poder que articularam o mundo colonial e promoveram um intenso inventário de riquezas. É analisado o papel das viagens filosóficas sem seu cunho iluminista e os impactos sofridos pela Ciência portuguesa, sob égide do Marques de Pombal, com as presenças de Domingos Vandelli e Martinho de Mello e Castro. As povoações do Maranhão e do Piauí ocuparam as preocupações de José Teles da Silva, governador do Maranhão em 1784, estimulando a “primeira viagem de cunho iluminista pela Caatinga”. Pereira destaca a figura de João Machado Gaio e a sua “pouca estatura” para a “tarefa botânica” que se lhe apresentava. Outros homens de Ciência ocupam as lentes desse autor: Francisco Antônio de Sampaio, Joaquim de Amorim e Castro, Manuel Arruda Câmara, João da Silva Feijó, José de Sá Bittencourt Acioli, e Vicente Jorge Dias Cabral.

Ilustram esse capítulo as páginas dos manuscritos de viagens, apresentando memórias, cartas, listas, discursos e ilustrações de vegetais e animais. O capítulo aponta os descaminhos das políticas da ilustração portuguesa, que soube organizar a coleta de espécimes e fazê-los chegar a Lisboa, mas que, segundo o autor, não soube estudá-los, fazendo desses documentos repositórios quase únicos do esforço científico de uma época.

Da rica documentação desse período, Lorelai Kury seleciona a memória sobre a cultura dos algodoeiros, de autoria de Manuel Arruda da Câmara, e apresenta-nos o quarto capítulo. Com base na ideia da constituição de uma república de letras, esse autor analisa, por meio da história e da obra de um homem, o forjar de um campo de conhecimento, saberes e impressões. As viagens, as dificuldades de recrutar homens letrados, a especialização das Ciências em terras tão rudes recheiam com minuciosos registros de trabalho de campo o impacto que a novidade das plantas, dos animais e das paisagens no coração do Brasil causava nas Ciências.

De Kury, em coautoria com Magali Romero Sá, o capítulo “Naturalistas Europeus nas caatingas” analisa os percursos das expedições de viajantes naturalistas europeus ao longo do século XIX, com destaque para as viagens de Carl Friedrich Von Martius e Johann Baptist Von Spix, cujos desenhos e textos deram fisionomias às paisagens brasileiras. Auguste de Saint-Hilaire e Johann Emanuel Pohl também se destacam na representação e descrição de plantas. O mundo animal teve na



pena de Spix um retrato cuidadoso e, ao mesmo tempo, curioso. O olhar da cascavel (*Crotallus cascavella*), representada na página 212, é de fato ameaçador. A sua linda escama, marcada em triângulos dourados ou amarelos, o seu temido chocalho e o seu tamanho, por vezes imenso, constituem uma ameaça presente nos caminhos do sertão.

Se poucos foram os zoólogos que entraram nos sertões, reduzido também era o número de animais encontrados nas longas estações secas. Willian e Gabriel Swainson descreveram a região de transição entre a zona da mata e a caatinga em Pernambuco, dando destaque para as aves, como as araras azuis e os periquitos. Levaram consigo para a Europa representantes de espécies raras e endêmicas da região. As autoras apontam também para a importância dos herbários e coleções públicas e particulares, que conservaram e guardaram materiais exemplares dos reinos naturais. Essas coleções, devido ao seu volume e às descontinuidades entre as gerações de zoólogos e botânicos, não foram completamente estudadas. Espalhadas pelo mundo, na França, na Áustria, na Inglaterra e na Nova Zelândia, estas permitem hoje aos visitantes de museus e jardins botânicos conhecer, mesmo quando descontextualizados ou recontextualizados, alguns componentes da natureza brasileira.

Nessa constituição de uma paisagem topográfica e pitoresca, merece destaque o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No último capítulo, “As caatingas e o Império do Brasil”, Lorelai Kury e Magali Romero Sá analisam as *Chorografias* e outras memórias que ocuparam as páginas da *Revista do IHGB* ao longo do século XIX. Desponta nesse capítulo o passado pré-histórico da Pedra da Gávea (Rio de Janeiro) e da Lagoa Santa (Minas Gerais), exploradas por Peter Lund; as grandes cachoeiras de Paulo Afonso, visitadas por Richard Burton; as reflexões sobre a botânica, os usos e a geografia das plantas de Francisco Freire Allemão; as observações de Guilherme Capanema e Theodoro Sampaio; e, por fim, a mística do progresso e do eldorado imperial que o envolveu.

Durante o Segundo Império, muitas comissões científicas foram enviadas aos sertões. Soba direta proteção imperial, elas buscavam, nem sempre com o seu patrocínio, prospectar produções futuras, como a cultura do algodão. O mapeamento das regiões foi mais que uma obrigação intelectual. As autoras retratam esta prática corrente nas viagens usando os mapas e percursos de Henrique Halfeld, de Sampaio e de Cândido Mendes de Almeida.

As cinco grandes imagens que abrem os capítulos deixam ver um sertão vazio, o palco da caça de emas e de macacos, as trilhas em meio às plantas agrestes. Em apenas uma imagem há uma pequena comunidade sertaneja ao fundo, tendo como moldura o viço das palmeiras e dos cactos. Os caminhos vazios abertos aos viajantes constituem parte do imaginário das fronteiras, no qual a terra e o mundo natural estão à disposição dos homens e de suas organizações sociais. O cientista é, assim, um dos tipos sociais que, sempre em pequenos grupos, observam a natureza em sua grandiosidade e nas suas possibilidades de futuro. A modificação e alteração

das paisagens foram, para alguns cientistas, objetos de denúncia, como apontam a leitura sobre a caça e a pesca no relato de viagem de Antonio Muniz de Souza e Oliveira, ou a crítica relação entre a seca no Ceará e o uso da natureza supostamente inesgotável, escrita por Giacomo Raja Gabaglia.

Por último, cabe destacar que acompanha a obra a versão traduzida dos textos para língua inglesa, realizada por Chris Hieatt, o que amplia a sua possível e desejável circulação por entre amantes da Ciência, das viagens, da literatura, da história e da natureza. Ao lado de *O Brasil dos viajantes* (BELLUZO, 1999) e de *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira* (MEIRELLES FILHO, 2009), a obra *Sertões Adentro* compõe um catálogo de inspiração para historiadores e pesquisadores. Ao abrir as páginas dessa obra, o leitor embarcará em uma viagem pelos sertões, pelas suas paisagens e pelas histórias dos viajantes que as registraram.

Referências

AB'SABER, Aziz. *Os domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.

MEIRELLES FILHO, João. *Grandes expedições à Amazônia brasileira*. São Paulo: Metalivros, 2009.

